



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

## **PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: ENSINO E REFLEXÃO CRÍTICA PARA A AUTONOMIA**

Antonio Jansen Fernandes da Silva - SME/Fortaleza  
Carlos Átila Lima dos Santos - SME/Fortaleza  
Dirlene Almeida Ferreira - SEDUC - CE  
Francisco Lucas Silva Rocha - SME/Fortaleza  
Ítala Almeida Timóteo - SME/Fortaleza  
Maria Eleni Henrique da Silva - IEFES - UFC

### **RESUMO**

Este painel explora a integração de práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar, evidenciando suas contribuições para o desenvolvimento integral dos/as alunos/as. Fundamentados nos princípios freireanos de diálogo, reflexão crítica e autonomia, os artigos discutem como atividades como *slackline*, *kitesurf* e *skate* podem transformar a experiência educativa. As práticas corporais de aventura promovem melhorias nas habilidades físicas, emocionais e sociais dos/as estudantes, favorecendo a autoconfiança, resiliência, cooperação e a inclusão. Os estudos mostram que, apesar dos desafios logísticos e estruturais, a introdução desses objetos de conhecimento pode enriquecer o currículo escolar, incentivando a participação ativa dos/as estudantes e a superação de estereótipos de gênero. A necessidade de políticas educacionais que ofereçam maior flexibilidade curricular e autonomia para os professores é enfatizada como essencial para a efetivação de uma educação crítica e transformadora. As experiências relatadas destacam a importância de um ambiente educacional que valorize a experimentação e a contextualização, preparando os/as discentes para os desafios do mundo contemporâneo de forma inclusiva e inovadora.

**Palavras-chave:** Educação Física, Paulo Freire, Educação Crítica.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

## IMPLEMENTANDO O *SLACKLINE* NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: APROXIMAÇÕES COM OS PRINCÍPIOS FREIREANOS

Dirlene Almeida Ferreira - SEDUC - CE  
Antonio Jansen Fernandes da Silva - SME/Fortaleza  
Maria Eleni Henrique da Silva - IEFES - UFC

### RESUMO

Este estudo investigou a introdução do *slackline* nas aulas de Educação Física de duas turmas de ensino médio, fundamentado nos princípios freireanos de diálogo e reflexão crítica. Utilizando uma metodologia qualitativa, que incluiu estudos colaborativos, vivências práticas e círculos reflexivos, a pesquisa envolveu 90 estudantes. Para coletar dados sobre a experiência dos/as discentes com o *slackline*, foram utilizadas três técnicas principais: Observação Participante, Círculos Reflexivos e Diários de Bordo. Os resultados mostraram melhorias nas habilidades físicas dos/as alunos/as, como coordenação motora, equilíbrio e concentração, além de promover desenvolvimento emocional e social, aumentando a autoconfiança, resiliência e cooperação. Relatos orais dos/as estudantes evidenciaram a inclusão e equidade de gênero, com meninas assumindo papéis de liderança e desafiando estereótipos de gênero. A abordagem pedagógica baseada nos princípios de Freire demonstrou que o *slackline* pode criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e transformador. Concluiu-se que, com o suporte contínuo de políticas educacionais, a integração do *slackline* pode enriquecer o currículo escolar, contribuindo para o desenvolvimento integral dos/as alunos/as e preparando-os/as para os desafios do mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Práticas Reflexivas, Educação Libertadora, Desenvolvimento Integral.

### INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar tem se expandido para além das práticas tradicionais, integrando novas modalidades que promovem o desenvolvimento integral dos estudantes. Dentro do amplo leque de práticas corporais de aventura oferecidas pela Educação Física, destaca-se o *slackline*. Trata-se de uma modalidade esportiva que requer equilíbrio e pode ser praticada de várias maneiras, incluindo em alturas elevadas, sobre a água e com a realização de manobras acrobáticas.

O *slackline* é executado sobre uma fita de nylon, que possui uma largura que varia entre 2,5 e 5 centímetros, e apresenta diferentes níveis de flexibilidade. As alturas em que essa prática é realizada também são bastante variadas, indo desde 30 centímetros do solo até mais de uma centena de metros de altura. Diante dessa ação, Cardozo e Costa Neto (2010) sugerem que essa modalidade teve origem nos anos 1980, associada aos escaladores que improvisaram a montagem de fitas entre árvores durante os momentos de descanso durante suas escaladas. Nesse contexto, o *slackline* emerge como uma atividade inovadora, que combina habilidades

físicas e mentais, e promove o equilíbrio, a concentração e a confiança. Este artigo apresenta os resultados da pesquisa que procurou verificar a implementação do *slackline* nas aulas de Educação Física de duas turmas de ensino médio, fundamentado nos princípios freireanos de diálogo e reflexão.

A pesquisa pretendeu responder à seguinte questão: "Quais são os impactos da introdução do *slackline* nas aulas de Educação Física no desenvolvimento físico, emocional e social dos/as estudantes do ensino médio?" O objetivo deste estudo foi analisar a experiência dos/as estudantes do ensino médio com o *slackline*, destacando os desafios, as oportunidades e a influência da prática na percepção de gênero, superação de medos e cooperação entre colegas. O estudo foi estruturado em duas etapas principais: 1) Estudo colaborativo: os/as alunos/as foram divididos em grupos e realizaram pesquisas sobre diferentes modalidades de *slackline*, utilizando vídeos demonstrativos, imagens e materiais teóricos. Essa fase culminou em apresentações e discussões em sala de aula e 2) Vivência Prática: os/as estudantes participaram de aulas práticas de *slackline*. As sessões foram dedicadas à montagem e à desmontagem do equipamento, com ênfase nas questões de segurança e de proteção ao meio ambiente. Os/as discentes tiveram a oportunidade de experimentar o *slackline* durante as aulas e nos intervalos escolares.

A inclusão do *slackline* como prática corporal de aventura na Educação Física escolar destaca-se como um objeto de conhecimento que pode enriquecer o desenvolvimento integral dos/as alunos/as. No entanto, a efetivação dessa prática no ambiente escolar enfrenta inúmeros desafios. Embora estudos indiquem que o *slackline* promove benefícios físicos, emocionais e sociais significativos (Rosa, 2019; Inácio *et al.*, 2016), a realidade das escolas brasileiras revela barreiras substanciais para sua implementação.

Problemas como a falta de infraestrutura adequada, a necessidade de formação específica para os professores e a resistência institucional são recorrentes (Bungenstab *et al.*, 2017; Inácio *et al.*, 2016). Além disso, as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, embora reconheçam o valor das práticas corporais de aventura, não fornecem orientações detalhadas sobre como superar esses desafios práticos. Dessa forma, é essencial problematizar a viabilidade da inclusão do *slackline* no currículo escolar, buscando estratégias eficazes para contornar as dificuldades e aproveitar plenamente os benefícios que essa prática pode oferecer aos estudantes.

O referencial teórico aborda três pontos principais sobre a introdução do *slackline* na Educação Física escolar: seus benefícios físicos e emocionais para os estudantes, a integração

da prática à escola considerando a BNCC, e as contribuições dos princípios freireanos, destacando o papel do diálogo, da conscientização e da educação como prática da liberdade.

## METODOLOGIA

Este estudo contou com a colaboração de 90 estudantes (duas turmas) do ensino médio de uma escola pública estadual em Eusébio - CE, visando investigar a experiência dos/as estudantes com a prática do *slackline* nas aulas de Educação Física. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa. A pesquisa foi conduzida em duas fases: estudos colaborativos e experiências práticas, seguidas por reflexões. Na primeira fase, os/as alunos/as foram organizados em grupos para investigar diferentes modalidades de *slackline*, apresentando suas descobertas em sala de aula. Na segunda fase, participaram de aulas práticas para experimentar o *shortline*<sup>1</sup>, com foco em segurança e aprendizado. As atividades incluíram montagem de equipamentos, discussões sobre segurança e prática regular, permitindo o desenvolvimento de habilidades como equilíbrio e concentração.

Foram utilizadas várias técnicas para coletar dados sobre a experiência dos/as discentes com o *slackline*. Isso incluiu a Observação Participante, que registrou interações e estratégias de superação, proporcionando uma compreensão detalhada da prática. Os Círculos Reflexivos, baseados nos princípios de Freire, permitiram aos/às estudantes compartilhar experiências e refletir sobre desafios e mudanças de percepção. Por fim, os Diários de Bordo registraram sentimentos e reflexões dos/as discentes ao longo do tempo, fornecendo dados qualitativos sobre sua evolução.

Todos os alunos assinaram um termo de consentimento para participar, e somente aqueles que concordaram em participar foram incluídos na pesquisa. Foi adotada uma abordagem cuidadosa para proteger a privacidade dos/as participantes do estudo, utilizando nomes fictícios que refletissem características relevantes de forma criativa, como "*João Aventureiro*". Essa estratégia preservou o anonimato dos/as colaboradores/as, garantindo a confidencialidade de suas identidades. Evitamos divulgar informações pessoais específicas que pudessem identificá-los/as diretamente, assegurando a integridade ética da pesquisa.

A metodologia deste estudo, inspirada na práxis de Freire, combinou colaboração, vivência e análise para entender a experiência dos/as estudantes com o *slackline*. Inicialmente,

---

<sup>1</sup> Entre todas as modalidades, essa é, sem dúvida, a mais segura, pois a fita é colocada em uma altura baixa e com ancoragens próximas. O *shortline* é particularmente indicado para iniciantes, já que não requer tanto esforço nem habilidades específicas em relação às outras modalidades.

o estudo colaborativo preparou os/as discentes para a vivência, fornecendo conhecimento sobre o *slackline*. Depois, as experiências práticas e reflexões permitiram uma análise mais profunda das percepções dos/as discentes, enriquecendo a práxis educativa. Técnicas como observação participante e diários de bordo garantiram uma coleta de dados abrangente, contribuindo para entender os impactos do *slackline* no desenvolvimento físico, emocional e social dos/as alunos/as.

## **O SLACKLINE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

No contexto da Educação Física escolar, a busca por práticas corporais inovadoras que promovam o desenvolvimento integral dos/as alunos/as tem sido uma constante. Nesse sentido, o *slackline* emerge como uma atividade desafiadora e estimulante, capaz de oferecer uma ampla gama de benefícios físicos, emocionais e cognitivos aos/as estudantes.

Segundo Brandão (2023), a integração do *slackline* no currículo de Educação Física escolar pode ser fundamentada em uma abordagem pedagógica que valorize a experimentação, a reflexão crítica e a autonomia dos/as alunos/as. Tal abordagem proporciona não apenas o desenvolvimento das habilidades motoras, mas também o estímulo à criatividade, à resolução de problemas e à construção de conhecimento por meio da vivência.

Martins e Martins (2020) reforçam a importância de adaptar as atividades de *slackline* às características individuais dos/as alunos, garantindo assim uma experiência de aprendizagem inclusiva e significativa. Essa personalização das práticas permite que cada estudante desafie seus limites pessoais, promovendo o desenvolvimento individual e coletivo.

O *slackline* proporciona uma variedade de benefícios físicos para os/as discentes, incluindo o aprimoramento da força muscular, equilíbrio e coordenação motora. Santos *et al.* (2020) destacam que a prática regular do *slackline* pode contribuir significativamente para o desenvolvimento motor dos/as alunos/as, promovendo o aumento da consciência corporal e a melhoria da postura. Além dos benefícios físicos, o *slackline* também oferece vantagens emocionais e cognitivas. Rosa (2019) evidencia como a atividade estimula o desenvolvimento cognitivo dos/as discentes, promovendo a concentração, a atenção e o raciocínio espacial. Santos *et al.* (2020) complementam essa visão ao ressaltar o impacto positivo do *slackline* na autoconfiança, na superação de desafios e na promoção do bem-estar emocional dos/as estudantes.

Diante dos benefícios físicos, emocionais e cognitivos proporcionados pelo *slackline*, é evidente sua relevância como objeto de conhecimento a ser experimentado e apreendido



pelos/as estudantes na Educação Física escolar. Ao explorar as potencialidades dessa prática corporal, os educadores podem não apenas enriquecer o currículo escolar, mas também contribuir significativamente para o desenvolvimento integral dos/as alunos/as, preparando-os/as para os desafios e oportunidades do mundo contemporâneo.

## **O SLACKLINE E A BNCC: UMA VIVÊNCIA REFERENCIADA**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 introduziu o *slackline* como uma prática corporal de aventura no currículo, promovendo uma educação integral que abrange competências físicas, emocionais e sociais. Antes da implementação da BNCC, práticas corporais de aventura como o *slackline* não faziam parte oficialmente do currículo escolar. A BNCC incentiva a diversidade dessas práticas, reconhecendo seus benefícios no desenvolvimento do equilíbrio, coordenação, concentração e resiliência dos/as estudantes (Brasil, 2018).

O *slackline*, conforme destacado por Rosa (2019), vai além dos desafios físicos, promovendo habilidades sociais, emocionais e cognitivas, como autoconfiança, resiliência e capacidade de concentração. Essa abordagem multifacetada torna essa modalidade um objeto de conhecimento valioso para a Educação Física, alinhado com as diretrizes da BNCC, que busca uma formação integral dos/as discentes.

Apesar dos benefícios evidentes, a implementação do *slackline* nas escolas enfrenta diversos desafios. Bungenstab *et al.* (2017) apontam a necessidade de uma abordagem pedagógica renovada para incluir práticas corporais de aventura na escola. A falta de infraestrutura adequada é uma barreira significativa, com muitas escolas enfrentando dificuldades para adquirir os equipamentos necessários, como cordas, fitas e suportes.

Além disso, a formação específica dos/as professores/as de Educação Física é fundamental. A BNCC enfatiza o desenvolvimento profissional contínuo dos/as docentes, mas não fornece orientações detalhadas sobre como essa formação deve ser realizada e integrada à rotina escolar (Inácio *et al.*, 2016). A resistência institucional também é um obstáculo importante, pois mudanças culturais e estruturais nas escolas são necessárias para que as diretrizes da BNCC sejam efetivamente implementadas.

Para superar esses desafios, é necessário que as políticas educacionais ofereçam suporte financeiro e logístico às escolas, garantindo a aquisição de equipamentos e a adaptação de espaços físicos. Programas de formação continuada específicos para professores de Educação Física, com ênfase em práticas corporais de aventura, são essenciais para preparar os/as

educadores/as para as demandas da BNCC. Somente por meio de um esforço colaborativo entre governos, instituições educacionais e professores/as será possível alcançar uma implementação eficaz do *slackline* nas aulas de Educação Física, conforme preconizado pela BNCC.

A seguir, os princípios freireanos de diálogo, conscientização e educação como prática da liberdade serão aprofundados para maximizar os benefícios do *slackline*. Esses princípios promovem um ambiente colaborativo, incentivam a reflexão crítica e desenvolvem a autoconfiança e a resiliência dos alunos.

## CONTRIBUIÇÕES DOS PRINCÍPIOS FREIREANOS

Os princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire fornecem uma base para a implementação de práticas educativas que ainda não eram tão vivenciadas e pouco exploradas, como o *slackline*, nas aulas de Educação Física. Diante disso, Freire (2018) destaca a importância do diálogo, da conscientização e da educação como prática da liberdade, conceitos que podem transformar a abordagem tradicional da Educação Física e promover um ambiente de aprendizagem inclusivo e emancipador.

A dialogicidade, central na pedagogia freireana, refere-se à interação comunicativa entre educadores/as e alunos/as na construção do conhecimento. Freire (2018) argumenta que a educação deve ser um processo de diálogo em que todos/as contribuem com suas experiências e conhecimentos. No contexto do *slackline*, essa abordagem foi aplicada ao envolver os/as alunos/as no planejamento e execução das atividades, aumentando seu engajamento e promovendo responsabilidade coletiva e colaboração.

A conscientização é o processo pelo qual os indivíduos desenvolvem uma compreensão crítica de sua realidade social e se tornam agentes de transformação. Freire (2018) defende que a educação deve ir além da transmissão de conhecimentos técnicos e promover a reflexão crítica sobre o mundo. A prática do *slackline* pode ser uma ferramenta poderosa para esse propósito, incentivando os/as estudantes a refletirem sobre suas limitações e possibilidades, e discutirem questões sociais como igualdade de gênero e inclusão por meio de círculos reflexivos.

Freire (2018) também sustenta que a educação deve ser uma prática de liberdade, liberando os/as discentes de medos e preconceitos. O *slackline* oferece um ambiente seguro em que os/as alunos/as podem experimentar, errar e aprender sem medo de julgamento, desenvolvendo autoconfiança e resiliência ao superar desafios físicos e emocionais.

A prática educativa deve ser reflexiva e emancipadora, permitindo que os/as estudantes se tornem sujeitos de sua própria aprendizagem. No *slackline*, essa abordagem é implementada

por meio de práticas reflexivas e discussões em grupo, promovendo a troca de experiências e o desenvolvimento de uma consciência crítica coletiva. Além disso, o *slackline* pode ser integrado a projetos interdisciplinares, proporcionando uma educação holística que abrange física, biologia e saúde mental.

Os princípios freireanos também enfatizam a importância da inclusão e equidade na educação. Freire (2018) defende que a educação deve ser acessível a todos/as e respeitar a diversidade de experiências e conhecimentos dos/as alunos/as. A prática do *slackline* pode ser adaptada para atender às necessidades de todos/as os/as estudantes, incluindo aqueles/las com deficiências físicas ou dificuldades motoras, utilizando modalidades inclusivas como o *shortline*.

A integração dos princípios freireanos na prática do *slackline* pode transformar essa atividade em um poderoso objeto de conhecimento educativo. A dialogicidade, a conscientização e a educação como prática da liberdade promovem um ambiente de aprendizagem inclusivo, reflexivo e emancipador. Ao enfrentar desafios físicos e emocionais, os/as alunos/as desenvolvem habilidades motoras, autoconfiança e resiliência, enquanto refletem criticamente sobre suas experiências e a realidade social. Essa abordagem holística e interdisciplinar alinha-se aos objetivos de uma educação crítica e transformadora, preparando os/as discentes para serem agentes ativos na construção de um mundo mais justo e equitativo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados desta pesquisa foram sistematizados em três categorias analíticas principais: Desenvolvimento Físico, Impacto Emocional e Social, e Inclusão e Equidade de Gênero. Essas categorias foram delineadas a partir da triangulação dos dados fornecidos pelos instrumentos de pesquisa utilizados. A seguir, apresentamos uma análise aprofundada de cada uma dessas categorias, destacando os achados empíricos e discutindo-os à luz da literatura existente.

### **Desenvolvimento Físico**

A prática do *slackline* resultou em melhorias nas habilidades físicas dos/as estudantes, como coordenação motora, equilíbrio e concentração. As falas dos/as discentes reforçam esses dados, evidenciando a aplicabilidade do *slackline* como um objeto de conhecimento da Educação Física:



**João Aventureiro:** "Eu sempre fui desajeitado, mas depois de algumas aulas de *slackline*, percebi que minha coordenação motora melhorou bastante. Consegui andar de bicicleta com mais confiança."

**Ana Equilibrada:** "No início, eu tinha muito medo de cair, mas com o tempo, meu equilíbrio melhorou tanto que agora consigo ficar em pé na fita por vários segundos sem ajuda."

**Lucas Concentrado:** "Antes, eu me distraía facilmente, mas o *slackline* me ajudou a focar mais. Agora, até meus estudos melhoraram porque consigo me concentrar melhor."

Por meio de observações participativas e relatos dos/as próprios discentes, verificou-se melhorias em habilidades como coordenação motora, equilíbrio e concentração. Esses resultados estão alinhados com estudos anteriores que destacam os benefícios do *slackline* para o desenvolvimento motor integrado (Rosa, 2019; Inácio *et al.*, 2016). Além disso, a melhoria na concentração durante a prática do *slackline* pode ser atribuída à exigência de foco e atenção para manter o equilíbrio na fita (Santos *et al.*, 2020).

Portanto, os relatos dos/as alunos/as e os resultados dessa pesquisa reforçam a importância de incluir práticas corporais de aventura, como o *slackline*, no currículo escolar. Essa abordagem baseada em evidências oferece aos/às discentes experiências de aprendizado significativas e abrangentes, contribuindo para sua formação integral (Bungenstab *et al.*, 2017).

## **Impacto Emocional e Social**

A prática do *slackline* teve um impacto no desenvolvimento emocional e social dos/as alunos/as, promovendo a autoconfiança, a resiliência e a cooperação entre os/as colegas. Os relatos dos/as alunos/as demonstram como o *slackline* contribuiu para seu desenvolvimento emocional e social:

**Carlos Corajoso:** "Nunca pensei que teria coragem de subir na fita, mas com o apoio dos/as meus/minhas amigos/as e da professora, superei meu medo. Agora, me sinto muito mais confiante em outras áreas da minha vida."

**Bia Determinada:** "O *slackline* me ensinou a não desistir. Cada vez que eu caía, meus/minhas amigos/as me encorajaram a tentar de novo. Isso me ajudou a ser mais persistente e a acreditar em mim mesma."

**Rafaela Resiliente:** "Aprender a me equilibrar no *slackline* foi difícil, mas cada queda foi uma lição. Agora, sinto que posso enfrentar qualquer desafio com mais resiliência."

As narrativas dos/as estudantes evidenciam o impacto do *slackline* em seu desenvolvimento emocional e social. *Carlos Corajoso* mencionou como o suporte dos/as colegas e da professora foi fundamental para enfrentar seus medos, resultando em um aumento da autoconfiança. Da mesma forma, *Bia Determinada* ressaltou a importância da persistência e

do apoio mútuo entre os/as amigos/as para superar os desafios. Por sua vez, *Rafaela Resiliente* destacou que as quedas no *slackline* foram oportunidades de aprender resiliência, fortalecendo sua capacidade de lidar com adversidades.

Esses resultados estão em consonância com a teoria freireana, que preconiza uma educação libertadora e transformadora (Freire, 2018). A prática do *slackline* proporcionou um ambiente de aprendizado desafiador, no qual os/as alunos/as puderam confrontar seus medos e limitações, promovendo assim uma maior autoconfiança. Além disso, a interação entre os/as colegas, marcada pelo apoio mútuo e incentivo, contribuiu para o desenvolvimento de habilidades sociais, como cooperação e solidariedade.

Dessa forma, a experiência do *slackline* não apenas fortaleceu os vínculos sociais entre os/as discentes, mas também os preparou para enfrentar desafios futuros, tanto dentro quanto fora da escola. Essa abordagem, baseada na teoria freireana, evidencia a importância de práticas educacionais que vão além do desenvolvimento físico, promovendo também o crescimento emocional e social dos/as estudantes.

### **Inclusão e Equidade de Gênero**

A prática do *slackline* mostrou ser inclusiva, permitindo a participação igualitária de todos/as os/as alunos/as, independentemente de gênero. As atividades foram adaptadas para garantir que todos/as pudessem participar e se beneficiar, promovendo um ambiente inclusivo e colaborativo. As narrativas dos/as estudantes oferecem uma visão profunda sobre como a prática do *slackline* pode promover inclusão e equidade de gênero, além de reforçar a aplicação dos princípios freireanos na Educação Física (Freire, 2018).

**Marina Inspirada:** "No início, fiquei com medo de não conseguir acompanhar os meninos, mas percebi que todos/as estavam no mesmo barco. Foi incrível ver como todos nós nos apoiamos, independentemente de gênero."

**Pedro Inclusivo:** "Sempre pensei que o *slackline* era só para meninos, mas vi que as meninas também são incríveis na fita. Foi uma experiência muito inclusiva e abriu minha mente sobre a igualdade de gêneros."

**Lara Líder:** "Foi empoderador ver as meninas dominando o *slackline*. Isso me inspirou a ser mais confiante e assumir posições de liderança em outras atividades."

A fala de *Marina Inspirada* ilustra inicialmente um sentimento de insegurança comum entre as meninas em ambientes tradicionalmente dominados por meninos. No entanto, a experiência do *slackline* mostrou-se inclusiva e colaborativa, em que todos, independentemente de gênero, puderam participar igualmente e se apoiar mutuamente. Este apoio mútuo é um

reflexo direto do princípio freireano de dialogicidade, que promove a construção coletiva do conhecimento e a superação de barreiras sociais (Freire, 2018).

O relato de *Pedro Inclusivo* é particularmente significativo, pois aponta para a hegemonia masculina em esportes de aventura e reconhece a dominação masculina. Ao reconhecer a habilidade das meninas no *slackline*, Pedro Inclusivo contribui para a desconstrução de estereótipos de gênero, mostrando que as meninas são igualmente capazes de dominar essas práticas. Essa percepção é essencial para quebrar barreiras e promover uma cultura de equidade de gênero. Além disso, este reconhecimento está alinhado ao princípio freireano de conscientização, em que os indivíduos desenvolvem uma compreensão crítica de suas realidades e trabalham para transformá-las (Freire, 2018).

A fala de *Pedro Inclusivo* sobre a percepção de que o *slackline* era "só para meninos" e a subsequente mudança de opinião ao ver as meninas dominando a prática destacam a importância de experiências práticas na desconstrução de estereótipos. Quando os/as estudantes têm a oportunidade de ver e experimentar diretamente a igualdade de capacidades entre gêneros, eles são mais propensos a questionar e desafiar as normas e expectativas tradicionais. Este processo de conscientização é essencial para a promoção de uma educação mais justa e equitativa (Freire, 2018).

A experiência de *Lara Líder* revela como a prática do *slackline* pode empoderar meninas, inspirando-as a assumir papéis de liderança e a se engajar mais ativamente nas atividades físicas e em outras áreas. Esse empoderamento está diretamente relacionado ao princípio freireano de educação como prática da liberdade, que incentiva os/as alunos/as a desafiar seus medos e preconceitos, promovendo autoconfiança e resiliência (Freire, 2018).

As falas de *Marina*, *Pedro* e *Lara* demonstram como a prática do *slackline* pode ser um objeto de conhecimento eficaz para promover a inclusão e a equidade de gênero na Educação Física. Ao criar um ambiente em que todos podem participar igualmente e apoiar uns aos outros, o *slackline* desafia estereótipos de gênero e promove uma cultura de colaboração e de respeito mútuo. Este ambiente inclusivo e colaborativo reflete os princípios freireanos de dialogicidade, conscientização e educação como prática da liberdade, criando um espaço em que os/as alunos/as podem desenvolver suas habilidades físicas, emocionais e sociais de maneira integrada e transformadora (Freire, 2018).

Esses resultados reforçam a importância de incluir práticas diversificadas e inovadoras no currículo de Educação Física, que atendam às necessidades de todos/as os/as alunos/as e promovam a inclusão e a equidade. A prática do *slackline* demonstrou ser um objeto de conhecimento eficaz para desconstruir estereótipos de gênero e promover um ambiente

inclusivo, alinhando-se aos princípios freireanos de dialogicidade, conscientização e educação como prática da liberdade (Freire, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa demonstram que a prática do *slackline*, quando integrada nas aulas de Educação Física, oferece benefícios em três áreas principais: desenvolvimento físico, impacto emocional e social, e promoção de inclusão e equidade de gênero. Esses benefícios são potencializados pela aplicação dos princípios freireanos de dialogicidade, conscientização e educação como prática da liberdade.

No que diz respeito ao desenvolvimento físico, a prática do *slackline* melhorou as habilidades motoras dos/as alunos/as, como coordenação, equilíbrio e concentração. Estes achados, corroborados por estudos anteriores, reforçam a eficácia do *slackline* como um objeto de conhecimento que oferece experiências de aprendizado práticas e envolventes, promovendo uma formação integral.

No campo emocional e social, a prática do *slackline* promoveu autoconfiança, resiliência e cooperação entre os/as alunos/as. As narrativas dos/as estudantes mostram que, ao enfrentarem e superarem desafios juntos, desenvolveram um sentido de comunidade e apoio mútuo, essencial para o crescimento emocional e social. Esta abordagem está alinhada com a teoria freireana, que valoriza a educação como um processo de libertação e transformação pessoal e coletiva.

A inclusão e a equidade de gênero emergiram como aspectos essenciais do estudo. As falas dos/as alunos/as revelam como a prática do *slackline* ajudou a desafiar e desconstruir estereótipos de gênero. A reflexão sobre a hegemonia masculina nos esportes de aventura e o reconhecimento da habilidade das meninas destaca a importância de experiências práticas na desconstrução de estereótipos. Este processo é fundamental para criar uma cultura de equidade de gênero e está em consonância com o princípio freireano de conscientização crítica.

Sendo assim, a prática do *slackline*, fundamentada nos princípios freireanos, não apenas melhora as habilidades físicas dos/as estudantes, mas também fortalece suas habilidades emocionais e sociais, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e transformador. No entanto, para maximizar esses benefícios, é essencial que as políticas educacionais ofereçam suporte contínuo, incluindo formação de professores/as, adaptação de espaços físicos e provisão de recursos adequados. Somente com esse apoio abrangente será possível superar os desafios práticos e logísticos, garantindo a implementação eficaz e sustentável do *slackline* nas escolas.

Dessa forma, práticas educativas como o *slackline* podem contribuir para uma educação integral, preparando os/as alunos/as para os desafios do mundo contemporâneo e promovendo uma sociedade mais justa e equitativa.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, V. C. **Slackline como prática corporal de aventura na educação física escolar: uma pesquisa bibliográfica.** 2024. 24 p. (TCC) Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

BRANDÃO, H. C. **O ensino do slackline nas aulas de educação física na educação básica: mediações a partir da pedagogia histórico-crítica.** 2023. 165 f. Dissertação. Universidade Federal de Goiás. Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF/UNESP. 2023.

BUNGENSTAB, G. C. *et al.* Educação Física no ensino médio: possibilidades de ensino das práticas corporais (de aventura). **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 21, n. 03 p. 29-40, set./dez., 2017.

CARDOZO, E. M. S.; COSTA NETO, J. V. Os esportes de aventura na escola: o *slackline*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 5, 2010, São Bernardo do Campo. **Anais...** p. 271-284, São Bernardo do Campo: CBAA, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

INÁCIO, H. L. de D. *et al.* Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, [S. l.], v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.

MARTINS, G.; MARTINS, R. Slackline como conteúdo de ensino na educação física escolar: análise da produção científica. **Temas em Educação Física Escolar.** n. 6. p. 28-54, 2021.

ROSA, H. J. G. **Slackline: uma fita como ponte para o desenvolvimento cognomotor de estudantes.** 2019. 91 p. Dissertação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT associado à Universidade de Cuiabá – UNIC, Programa de Pós-graduação em Ensino de stricto sensu, Cuiabá, 2019.

SANTOS, T. A. *et al.* A percepção dos alunos em relação a uma proposta de ensino do Slackline nas aulas de Educação Física do Ensino Médio. **Revista Brasileira do Ensino Médio**, vol. 3, p. 93-105, 2020.



## VELEJANDO NAS ÁGUAS DA CAPONGA (CE): *KITESURF* NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Carlos Átila Lima dos Santos - SME/Fortaleza  
Antonio Jansen Fernandes da Silva - SME/Fortaleza  
Francisco Lucas Silva Rocha - SME/Fortaleza  
Maria Eleni Henrique da Silva - IEFES - UFC

### RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar a experiência prática do *kitesurf* como objeto de conhecimento da Educação Física escolar, destacando aspectos positivos e dificuldades enfrentadas pelos alunos e pelo professor, com foco na promoção da autonomia e superação dos desafios impostos pela rede de ensino, segundo os princípios freireanos. A metodologia utilizada foi qualitativa, baseada em um relato de experiência com 30 alunos de turmas de 8º e 9º ano de uma escola municipal de Cascavel-CE. As observações e reflexões foram registradas em diário de campo pelo professor responsável e analisadas conforme a análise de conteúdo de Bardin (2011). Os resultados destacaram a participação e desempenho dos alunos, a valorização da parceria com a *Caponga Surf Point* e os desafios estruturais, como a rigidez do planejamento curricular e a limitação de recursos. A prática do *kitesurf* promoveu a autonomia dos alunos e do professor, reforçando a importância de uma educação contextualizada e participativa. No entanto, a falta de autonomia na avaliação e a estrutura curricular rígida dificultaram uma abordagem mais profunda e significativa do ensino. A integração da comunidade no processo educativo enriqueceu a experiência dos alunos, promovendo um ambiente educativo mais inclusivo. Para que essas práticas sejam sustentáveis, é essencial que as políticas educacionais se adaptem, permitindo maior flexibilidade curricular e autonomia docente. Sugerimos novos estudos para ampliar as discussões sobre a temática do *kitesurf* na Educação Física escolar e abordar questões didático-metodológicas das Práticas Corporais de Aventura (PCA's), visando uma educação mais democrática e diversificada.

**Palavras-chave:** Educação Física, *Kitesurf*, Práticas Corporais de Aventura.

### INTRODUÇÃO

A Educação Física tem sido moldada por influências europeias, médicas e militares, resultando em uma ampla gama de conhecimentos abordados nas aulas ao longo da Educação Básica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta seis unidades temáticas para a Educação Física: Esportes, Jogos e Brincadeiras, Lutas, Ginásticas, Dança e Práticas Corporais de Aventura (PCA), com o objetivo de proporcionar uma educação ampla e diversificada, contemplando diferentes aspectos do desenvolvimento físico, cognitivo e social dos estudantes (Brasil, 2018). As PCA se destacam por oferecer experiências inovadoras e desafiadoras aos alunos, divididas em urbanas, como *skate* e *parkour*, e de natureza, como *surf*, escalada e *kitesurf*. A inclusão do *kitesurf* no currículo de Educação Física pode engajar os alunos e promover um aprendizado significativo. Estudos como os de Lucena *et al.* (2012) indicam que a prática do *kitesurf* contribui para as vivências psicoemocionais, promovendo autoconfiança,

resiliência e bem-estar emocional, além de fomentar a capacidade de lidar com desafios, competências essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes.

No entanto, a rigidez estrutural das Secretarias de Educação, que impõem currículos e avaliações pré-determinadas, limita a autonomia dos professores na adaptação desses conteúdos às realidades locais e às necessidades dos alunos. Paulo Freire (1996) argumenta que a educação deve ser um ato de liberdade, em que tanto professores quanto alunos são agentes ativos no processo de construção do conhecimento. A ausência de autonomia na elaboração de avaliações e na escolha de conteúdos impede que os professores desempenhem plenamente seu papel de mediadores do conhecimento, comprometendo a promoção de uma educação crítica e emancipadora.

Este estudo visa responder à seguinte questão: como a prática do *kitesurf* pode ser integrada às aulas de Educação Física escolar de forma a promover a autonomia dos alunos e do professor bem como superar os desafios estruturais impostos pela rede de ensino? O objetivo do estudo foi analisar a experiência prática do *kitesurf* como objeto de conhecimento da Educação Física escolar, destacando tanto os aspectos positivos quanto às dificuldades enfrentadas pelos alunos e pelo professor à luz dos princípios freireanos de educação, com foco na promoção da autonomia e na superação dos desafios impostos pela rede de ensino.

A inclusão de práticas corporais de aventura, como o *kitesurf*, no currículo escolar, pode enriquecer a educação dos estudantes, promovendo seu desenvolvimento integral e autonomia. Freire (1996) enfatiza a necessidade de uma educação dialógica e participativa para a reflexão crítica e emancipação dos discentes. No entanto, a rigidez das políticas educacionais pode limitar esse potencial. Libâneo (2004) defende um currículo flexível que permita aos professores adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades dos alunos, promovendo uma educação crítica e emancipadora.

Além de proporcionar uma experiência corporal diversificada, o *kitesurf* pode ser um objeto de conhecimento que promove a autonomia e o desenvolvimento integral dos alunos. Estudos de Lucena *et al.* (2013) e Ferreira *et al.* (2023) destacam os benefícios do *kitesurf* para o desenvolvimento psicoemocional, reforçando seu potencial educativo. Para que esses benefícios sejam plenamente alcançados, é essencial que os professores tenham autonomia para adaptar o currículo e as avaliações às necessidades de seus alunos.

É fundamental oferecer aos estudantes novas experiências além das práticas esportivas tradicionais, destacando a importância do conhecimento cognitivo, físico e social. A pesquisa é impulsionada pela BNCC, que propõe as PCA's como parte do currículo de Educação Física,

ênfatizando a necessidade de os alunos entenderem e experimentarem a diversidade da Cultura Corporal de Movimento.

## METODOLOGIA

Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa baseada em um relato de experiência. As observações e reflexões dos alunos foram registradas em diário de campo pelo professor responsável, permitindo uma análise aprofundada das percepções e experiências dos alunos sobre a integração do *kitesurf* na Educação Física Escolar. A análise dos dados foi conduzida com base nos princípios da análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011), identificando categorias e temas emergentes a partir dos relatos dos alunos.

A pesquisa contou com a participação das turmas de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, totalizando 30 alunos de uma escola municipal de Cascavel - CE. A prática do *kitesurf* foi realizada na Praia de Caponga, localizada a 16 km de Cascavel. Caponga é o coração da pesca local, com uma enseada cercada por coqueirais e águas calmas. Com uma metodologia qualitativa e descritiva, a partir de um Relato de Experiência (RE), a pesquisa qualitativa aborda um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, conforme descrito por Minayo (2004). Segundo Mussi *et al.* (2021), o RE é uma expressão das vivências, contribuindo para a produção de conhecimentos sobre diversas temáticas, reconhecendo a interligação entre o conhecimento escolarizado e as aprendizagens socioculturais.

O trabalho de campo foi realizado por um dos autores que lecionava na unidade escolar em 2022 e contou com três momentos: planejamento e escolha da temática de Práticas Corporais de Aventura (PCA), utilização do *kitesurf* em três aulas, e principais apontamentos sobre a prática. Devido à falta de salas de aula e quadras esportivas suficientes, as aulas de Educação Física eram ministradas no contraturno escolar, com turmas de 8º e 9º anos juntas. A Secretaria Municipal de Educação (SME) encaminhou um calendário bimestral detalhando as unidades temáticas a serem abordadas, incluindo PCA na natureza e esportes de invasão. A proposta do *kitesurf*, apresentada no início do bimestre, gerou grande interesse e curiosidade entre os alunos, apesar da falta de equipamentos na escola.

A primeira aula apresentou a proposta do bimestre e os conteúdos fundamentais do *kitesurf*, incluindo sua história, equipamentos e modalidades. Durante essa aula, os alunos sugeriram uma parceria com a *Caponga Surf Point*<sup>2</sup>, prontamente apoiada pelo professor.

---

<sup>2</sup> Escola comunitária de *surf* e *kitesurf* localizada na Praia de Caponga no município de Cascavel - CE.

Na segunda aula, os alunos participaram de uma vivência prática de *kitesurf* em parceria com a *Caponga Surf Point*. O planejamento da sequência didática foi realizado em conjunto com o instrutor da escola, incluindo análise dos equipamentos, montagem do *kite* e técnica de *kitecontrol*. Cada aluno teve a oportunidade de experimentar a prática sob a supervisão do instrutor, enquanto os demais registravam a atividade. No entanto, a limitação de tempo e a presença de apenas um instrutor dificultaram a participação completa de todos os alunos. A dependência do transporte escolar também restringiu o tempo disponível para a prática, comprometendo a qualidade e continuidade das atividades.

A terceira aula foi dedicada à avaliação do módulo e reflexão sobre a experiência do *kitesurf*. Os alunos participaram de uma discussão aberta sobre os benefícios e desafios enfrentados, orientada por questões elaboradas pelo professor para estimular a reflexão crítica. A avaliação do módulo considerou o desempenho dos alunos nas atividades práticas e suas percepções sobre a experiência, sendo conduzida de maneira dialogada, seguindo os princípios de Paulo Freire, que vê a avaliação como um processo formativo e emancipatório. As reflexões dos alunos foram registradas e analisadas qualitativamente e quantitativamente, contribuindo para uma compreensão mais profunda dos impactos da prática do *kitesurf* na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos.

Ao final de cada bimestre, a Secretaria Municipal de Educação elabora e encaminha para cada escola uma avaliação somativa padrão, que deveria ser obrigatoriamente aplicada. Essa avaliação somativa tinha como objetivo verificar a efetivação das ações dos professores sobre os conteúdos e a apreensão por parte dos alunos. Assim, além do instrumento qualitativo utilizado pelo professor, a avaliação dos estudantes também incluía uma prova ao final do bimestre. No entanto, para o estudo, focamos nos dados das reflexões dos alunos, que forneceram uma compreensão mais detalhada sobre a eficácia e os impactos da prática do *kitesurf*.

## **AS PCA's E SUAS POSSIBILIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR**

A temática das PCA's no ambiente escolar vem ganhando espaço e relevância no meio acadêmico, refletindo um aumento significativo nas discussões sobre a inclusão dessas práticas na Educação Física escolar. As PCA's começaram a ganhar destaque nas décadas de 1960 e 1970, inicialmente associadas ao risco, imprevisibilidade e uma lógica interna diferenciada das práticas tradicionais (Costa, 2000; Bruhns, 2003; Pimentel, 2013). No ambiente escolar, observa-se uma diversificação das temáticas da Educação Física, que agora inclui novas

experiências da Cultura Corporal de Movimento, como as PCAs. Entre as PCAs, o *kitesurf* se destaca devido às condições geográficas e climáticas favoráveis do Brasil, que possui um litoral de 7491 quilômetros e ventos constantes, especialmente no litoral nordestino, como na faixa costeira do Ceará (Short; Klein, 2016).

O *kitesurf*, como prática corporal de aventura, enriquece o currículo de Educação Física ao promover o desenvolvimento físico, emocional e social dos estudantes. Lucena *et al.* (2013) ressaltam que o *kitesurf* também integra a conscientização ambiental, incentivando comportamentos sustentáveis. A implementação do *kitesurf* nas aulas de Educação Física enfrenta desafios, como a necessidade de infraestrutura adequada e formação específica para os professores. A segurança dos alunos é primordial, e o treinamento adequado dos educadores é basilar (Petersen *et al.*, 2005). Além disso, as escolas precisam de equipamentos apropriados e locais seguros para a prática, além de condições climáticas favoráveis. Integrar o *kitesurf* ao currículo escolar proporciona experiências enriquecedoras, promovendo também a conscientização ambiental e a responsabilidade social.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental destaca a importância das práticas corporais de aventura, incentivando sua inclusão no currículo escolar para promover o desenvolvimento integral dos alunos, abrangendo competências físicas, emocionais e sociais, além de fomentar a consciência ambiental e o trabalho em equipe (Brasil, 2018). Embora a BNCC represente um avanço, críticos como Paixão e Coutinho (2023) apontam a falta de orientação detalhada para superar desafios logísticos e financeiros que muitas escolas enfrentam, incluindo infraestrutura inadequada e falta de formação específica para professores. Ribeiro *et al.* (2024) ressaltam a necessidade de políticas educacionais mais completas que forneçam suporte contínuo. Essas críticas indicam a necessidade de orientações mais precisas para garantir a efetiva integração das práticas corporais de aventura ao currículo escolar, conforme as diretrizes da BNCC.

O *kitesurf*, como PCA, oferece oportunidade para enriquecer o currículo de Educação Física, promovendo tanto o desenvolvimento físico quanto a conscientização ambiental dos estudantes. No entanto, para que sua implementação seja bem-sucedida, é necessário enfrentar os desafios relacionados à infraestrutura, formação docente e segurança. Adotar uma perspectiva freireana pode potencializar os benefícios do *kitesurf*, transformando-o em um valioso objeto de conhecimento da Educação Física que promove a autonomia e a conscientização crítica dos alunos.



Paulo Freire é uma referência para a educação crítica e emancipadora. Seus princípios de educação dialógica, participativa e centrada no aluno são essenciais para a construção de uma prática pedagógica que promova a autonomia e a reflexão crítica. Freire (1996) defende que a educação deve ser um ato de liberdade, em que educadores e educandos são co-criadores do conhecimento, desafiando as estruturas opressivas e promovendo a emancipação dos sujeitos. A educação freireana valoriza o diálogo como um instrumento imprescindível para a construção do conhecimento. Nesse contexto, a relação entre educadores e educandos deve ser horizontal, baseada no respeito mútuo e na troca de saberes. A autonomia dos educandos é central para o processo educativo, sendo promovida por meio de práticas que incentivem a participação ativa, a reflexão crítica e a tomada de decisões.

Associando esses princípios ao problema de pesquisa, que trata da integração do *kitesurf* na Educação Física escolar, fica evidente a necessidade de flexibilizar o currículo e as avaliações para que sejam adaptados às realidades locais e às necessidades dos alunos. A rigidez estrutural das secretarias de educação, que impõem currículos e avaliações pré-determinadas, limita a autonomia dos professores e impede que eles desempenhem plenamente seu papel de mediadores do conhecimento. Essa falta de autonomia contraria os princípios freireanos, pois restringe a capacidade dos educadores de adaptar suas práticas pedagógicas de forma a promover uma educação mais crítica e emancipadora.

A perspectiva freireana questiona o direito do professor à autonomia na construção do currículo e das avaliações. Freire (1996) argumenta que a educação deve ser um processo de co-construção, em que tanto professores quanto alunos participam ativamente das decisões pedagógicas. Isso implica que os professores devem ter liberdade para adaptar o conteúdo e a metodologia de ensino de acordo com as necessidades e os contextos específicos dos alunos.

A falta de autonomia dos professores, muitas vezes imposta pelas políticas educacionais rígidas, impede que eles adaptem suas práticas de ensino para atender às particularidades de suas turmas. Segundo Libâneo (2004), um currículo flexível que permita a participação ativa dos professores e alunos é essencial para promover uma educação significativa e contextualizada. Quando os professores são forçados a seguir um currículo estritamente pré-determinado, sem espaço para adaptações, a educação se torna mecanizada e descontextualizada, falhando em atender às reais necessidades dos alunos. A autonomia dos professores é vital para implementar uma educação freireana, permitindo que atuem como mediadores do conhecimento e promovam um ambiente de aprendizado que valoriza a experiência e o conhecimento prévio dos alunos. A participação ativa dos estudantes nas

decisões pedagógicas fortalece sua autonomia e capacidade crítica, alinhando-se aos elementos centrais da educação emancipadora proposta por Paulo Freire.

Incorporar o *kitesurf* no currículo escolar de maneira flexível permite criar um ambiente de aprendizagem significativo, promovendo a autonomia dos alunos ao enfrentar desafios e refletir criticamente sobre suas experiências. A aplicação dos princípios freireanos na implementação do *kitesurf* destaca a importância da autonomia docente e do protagonismo estudantil, essencial para adaptar o currículo às necessidades específicas dos alunos e promover uma educação crítica e emancipadora.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e a discussão do estudo são divididos em três partes. A primeira descreve a participação dos alunos e os desafios nas aulas de *kitesurf*. A segunda analisa como a prática do *kitesurf* promoveu a autonomia dos alunos e do professor, seguindo os princípios de Paulo Freire. A terceira parte aborda os principais obstáculos estruturais, como a falta de infraestrutura e a rigidez do planejamento curricular, e sugere possíveis soluções para superá-los.

### Observações das Aulas

Durante as aulas de *kitesurf*, as principais observações destacaram a elevada participação e desempenho dos alunos, bem como os desafios enfrentados. Na primeira aula teórica, os alunos demonstraram grande interesse e curiosidade, o que se refletiu na participação ativa durante a apresentação sobre a origem, modalidades e técnicas básicas do *kitesurf*. A utilização de materiais audiovisuais foi eficaz para engajar os alunos e facilitar a compreensão dos conceitos. Este interesse inicial foi importante para estabelecer uma base sólida de conhecimento teórico, preparando os alunos para a vivência prática.

A segunda aula, centrada na vivência prática, mostrou um envolvimento ainda maior dos alunos. A parceria com a *Caponga Surf Point* destacou-se como um aspecto extremamente positivo, proporcionando aos alunos a oportunidade de experimentar uma prática corporal não convencional. A experiência prática foi altamente valorizada, e os alunos se sentiram muito motivados, era perceptível a autoconfiança e a capacidade de enfrentar novos desafios. No entanto, surgiram dificuldades logísticas consideráveis. A presença de apenas um instrutor limitou o tempo de prática efetiva para cada aluno, e a necessidade de encerrar a atividade mais cedo devido ao transporte escolar restringiu ainda mais essa experiência. Esses fatores

evidenciam as dificuldades inerentes às aulas realizadas no contraturno e a falta de materiais e instrutores suficientes.

### **Impacto na Autonomia dos Alunos e do Professor**

A prática do *kitesurf* nas aulas de Educação Física impactou na promoção da autonomia dos alunos e do professor. Para os alunos, a oportunidade de participar ativamente na organização da vivência prática, desde o contato inicial com a escola de *surf* até a montagem dos equipamentos, fomentou um senso de responsabilidade e iniciativa. Quando os alunos sugeriram a parceria com a *Caponga Surf Point*, sentiram-se ouvidos e valorizados, percebendo que suas opiniões eram importantes para o desenvolvimento da atividade. Esse envolvimento direto reforçou a confiança dos alunos e os motivou a se engajar mais profundamente no processo de aprendizado.

A participação ativa dos alunos na logística e na execução das aulas de *kitesurf* também foi uma oportunidade para a comunidade se envolver na apropriação de conhecimento. A colaboração com a escola de *surf* exemplificou como a educação pode transcender os muros da escola e envolver diferentes atores sociais. A comunidade, representada pelo instrutor e pela escola de *surf*, tornou-se parte integral do processo educativo, compartilhando conhecimentos práticos e específicos que enriqueceram a experiência dos alunos. Essa troca de saberes entre a comunidade e os alunos destaca a importância da educação contextualizada e participativa, onde o conhecimento é construído coletivamente e valorizado em suas diversas formas.

Além disso, essa experiência prática permitiu que os alunos aplicassem os conceitos teóricos de maneira autônoma, desenvolvendo habilidades de resolução de problemas e adaptabilidade. Ao se depararem com situações reais e desafiadoras, como a montagem do *kite* e o controle do equipamento no vento, os alunos precisaram aplicar o que aprenderam teoricamente de forma prática, ajustando suas ações conforme necessário. Esse processo de aprendizagem prática é profundamente freireano, pois enfatiza a educação como um ato de liberdade que promove a autonomia e o protagonismo dos alunos.

Paulo Freire (1996) argumenta que a educação deve ser um processo de emancipação, em que os estudantes não são meros receptores passivos de informação, mas agentes ativos na construção do conhecimento. O saber, nesse contexto, é diferente do conhecimento tradicionalmente transmitido de maneira hierárquica e unilateral. Em vez disso, o saber é algo que se constrói coletivamente, com base na experiência, no diálogo e na reflexão. A experiência do *kitesurf* nas aulas de Educação Física ilustra perfeitamente esse conceito, mostrando como

os alunos podem se tornar co-criadores de seu próprio aprendizado, em parceria com a comunidade e sob a orientação facilitadora do professor. Essa abordagem educativa, que integra saberes diversos e valoriza a participação ativa de todos os envolvidos, reafirma a importância de uma educação que promove a autonomia, o senso crítico e a capacidade de adaptação dos alunos.

Para o professor, a implementação dessa atividade representou um exercício de autonomia pedagógica. Ao adaptar o currículo para incluir o *kitesurf*, o professor demonstrou que, mesmo diante das limitações estruturais, é possível promover práticas educativas que valorizam a participação ativa dos alunos. Este tipo de iniciativa é basilar para a formação de estudantes críticos e autônomos, alinhando-se aos princípios defendidos por Paulo Freire, que enfatizam a educação como um processo de emancipação e libertação.

No entanto, a realidade educacional impôs desafios substanciais. A falta de autonomia na construção da avaliação foi uma limitação significativa. As políticas curriculares rígidas impostas pela SME restringem a capacidade do professor de avaliar os alunos de maneira contextualizada e formativa, um aspecto essencial para uma educação que pretende ser crítica e emancipadora. A obrigatoriedade de trabalhar o tema do *kitesurf* em apenas três aulas impôs uma restrição considerável, comprometendo a profundidade e a qualidade da prática. Freire argumenta que o aprendizado deve ser um processo contínuo e dialógico, permitindo tempo suficiente para a reflexão e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Para superar os desafios, é necessário que as políticas educacionais sejam mais flexíveis, permitindo que os professores adaptem seus planos de ensino às realidades locais. Isso inclui a necessidade de mais recursos, tanto humanos quanto materiais, e de uma estrutura curricular que valorize a autonomia docente.

A inclusão do *kitesurf* no currículo demonstrou que é possível integrar objetos de conhecimento e práticas educativas que promovam a autonomia e a participação ativa dos alunos. No entanto, para que tais práticas sejam plenamente eficazes, é imperativo que as políticas educacionais sejam revisadas para proporcionar maior flexibilidade e autonomia aos professores. Isso permitiria uma abordagem mais contextualizada e significativa do ensino, alinhando-se com os princípios de Paulo Freire que defendem uma educação libertadora e adaptada às necessidades e realidades dos alunos.

## **Desafios Estruturais**

Os desafios estruturais enfrentados durante a implementação das aulas de *kitesurf* foram substanciais e multifacetados. A falta de infraestrutura adequada, como espaços apropriados e recursos materiais suficientes, representou um obstáculo constante ao desenvolvimento pleno das atividades. Segundo Costa (2000), a infraestrutura é essencial para a prática segura e eficaz de esportes de aventura, e sua ausência pode comprometer a experiência educacional. No caso do *kitesurf*, a necessidade de equipamentos específicos, como pranchas e *kites*, e de um espaço adequado para a prática, destacou a carência de recursos disponíveis na escola.

Embora a parceria com a *Caponga Surf Point* tenha mitigado parcialmente essa deficiência, fornecendo um local adequado e alguns equipamentos, a presença de apenas um instrutor sobrecarrega o profissional. A sobrecarga do instrutor limitou a atenção individual que cada aluno poderia receber, reduzindo a efetividade da prática. Estudos como os de Petersen *et al.* (2005) ressaltam a importância de uma supervisão adequada em esportes de aventura para garantir a segurança e a qualidade do aprendizado, algo que foi comprometido pela falta de pessoal suficiente.

A necessidade de encerrar as atividades antes do horário previsto devido às exigências do transporte escolar impôs restrições ao tempo disponível para a prática. Essa limitação de tempo não apenas reduziu a duração da sessão prática, mas também afetou a continuidade das atividades, impedindo que os alunos pudessem explorar e dominar as habilidades do *kitesurf* de forma mais aprofundada. Esse desafio logístico é comum em muitas escolas que operam em regime de contraturno, onde a pressão do tempo e a dependência de horários rígidos de transporte comprometem a flexibilidade necessária para atividades mais extensas e envolventes (Libâneo, 2004).

As observações e resultados deste estudo alinham-se em grande parte com os princípios educacionais de Paulo Freire. A abordagem dialógica e participativa promovida durante as aulas reforça o valor da educação como um processo coletivo de construção do conhecimento. Freire (1996) enfatiza a importância da autonomia e da participação ativa no aprendizado. Por outro lado, as divergências também são evidentes. A estrutura rígida do currículo e a falta de recursos adequados limitam significativamente a capacidade de promover uma educação verdadeiramente emancipadora.

Freire (1996) argumenta que a educação deve ser flexível e contextualizada, permitindo a adaptação às necessidades específicas dos alunos e da comunidade. Neste estudo, essas limitações estruturais impediram que a prática do *kitesurf* alcançasse todo o seu potencial educativo, destacando a necessidade de reformas nas políticas educacionais para promover uma maior autonomia docente e uma abordagem mais crítica e inclusiva da educação.



A inclusão de práticas corporais de aventura no currículo de Educação Física, como o *kitesurf*, está alinhada com as diretrizes da BNCC, que busca diversificar as experiências educacionais dos alunos (Brasil, 2018). Estudos como os de Short e Klein (2016) e Costa (2000) sobre sistemas de praias brasileiras e esportes de aventura reforçam a importância dessas práticas para o desenvolvimento integral dos estudantes. Os relatos dos alunos sobre o aumento da autoconfiança e a superação de desafios são consistentes com as conclusões de Bruhns (2003), que destacam o potencial dos esportes de aventura para promover o desenvolvimento psicoemocional. No entanto, a necessidade de maior flexibilidade nas políticas educacionais, conforme discutido por Libâneo (2004) é vital para que esses benefícios sejam plenamente alcançados. A experiência do *kitesurf* nas aulas de Educação Física demonstra que, com as adaptações e suportes adequados, essas atividades podem oferecer um valor educacional significativo, promovendo uma educação mais crítica, inclusiva e emancipadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou a experiência prática do *kitesurf* como objeto de conhecimento na Educação Física escolar, destacando aspectos positivos e dificuldades enfrentadas pelos alunos, com foco nos princípios freireanos de promoção da autonomia e superação de desafios. A rigidez do planejamento curricular da Secretaria Municipal de Educação (SME) impôs restrições que limitam a profundidade e qualidade da prática educativa, dificultando a adaptação dos conteúdos às necessidades dos alunos devido à falta de autonomia na construção da avaliação e políticas curriculares rígidas.

Apesar dessas limitações, a experiência com o *kitesurf* mostrou a possibilidade de buscar maior autonomia. A parceria sugerida pelos alunos com a *Caponga Surf Point* reforçou sua confiança e engajamento, e a integração da comunidade no processo educativo enriqueceu a experiência, promovendo uma educação mais participativa e significativa. Para tornar essas práticas sustentáveis, é essencial que as políticas educacionais flexibilizem o currículo, permitindo que os professores adaptem suas práticas às necessidades dos alunos e ao contexto local, alinhando-se à visão de Paulo Freire de uma educação que emancipa e empodera. O estudo enfrentou desafios como a presença de um único instrutor e a dependência do transporte escolar, sugerindo a necessidade de novos estudos sobre questões didático-metodológicas das Práticas Corporais de Aventura (PCA's) para melhor integrar essas atividades no currículo escolar e proporcionar uma educação mais democrática e diversificada.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRUHNS, H. T. **No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções**. Turismo, lazer e natureza (pp. 29-52). São Paulo: Manole, 2003.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha**. São Paulo: Manole, 2000.

FERREIRA, M. C. V. *et al.* Slackline: Applicability and Benefits for School Physical Education: Slackline: aplicabilidade e benefícios para a educação física escolar. **Concilium**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 612–626, 2023. DOI: 10.53660/CLM-809-23A57.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LUCENA, A. B. *et al.* A prática do kitesurf e o Universo da Preservação Ambiental. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, 2013. DOI: 10.35699/1981-3171.2013.678.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23<sup>a</sup>. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MUSSI, R. F. de F. *et al.* Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

PAIXÃO, J. A.; MIRANDA COUTINHO, R. Proposições acerca das práticas corporais de aventura como conteúdo da Educação Física escolar. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1–21, 2023. DOI: 10.5007/2175-8042.2023.e96398.

PETERSEN, W. *et al.* Verletzungen Beim Kitesurfen. **Orthopade**, Montag, v.34, n.5, p. 419-425, 2005.

RIBEIRO, M. C. R.; PEREIRA, D. W.; LOSANO, A. L. Práticas corporais de aventura na escola pública a partir de uma proposta interdisciplinar. **Revista Saúde, Corpo e Movimento**, v. 3, n. 3, 2024. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/scm/article/view/8300>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SHORT, A. D.; KLEIN, A. H. F. (eds.). **Brazilian beach systems**. Dordrecht: Springer, 2016.

## LIMITES E POSSIBILIDADES DO *SKATE* NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DESDOBRAMENTOS EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

Ítala Almeida Timóteo - SME/Fortaleza  
Dirlene Almeida Ferreira - SEDUC - CE  
Maria Eleni Henrique da Silva - IEFES - UFC

### RESUMO

O presente artigo teve como objetivo descrever o processo de planejamento e execução de uma intervenção pedagógica sobre o *skate* realizada com estudantes do 6º ano do ensino fundamental em uma escola de tempo integral em Fortaleza - CE, bem como seus desdobramentos na rotina escolar. O trabalho aqui apresentado é de natureza qualitativa e trata-se de um relato de experiência (RE) cujo instrumento de pesquisa foi o diário de campo. O trabalho dividiu-se em 4 etapas: 1) *Skate* e Educação Física: alternativas inspiradoras; 2) Estudar, planejar e transformar; 3) Dando um “rolê” pelas aulas; 4) Limites, possibilidades e desdobramentos do “rolê”. Ao longo das aulas, as dificuldades encontradas estiveram relacionadas à segurança dos/das estudantes ao realizar a prática e à escassez de equipamentos durante as atividades. Como um desdobramento da experiência, 5 alunas das turmas participantes criaram um clube de protagonismo com o intuito de ensinar outras meninas a andar de *skate*.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar. *Skate*. Relato de experiência.

### INTRODUÇÃO

O *skate* como conhecemos hoje não é apenas um objeto capaz de deslocar alguém de um canto a outro, ele transcende essa breve noção no momento em que ganha status de cultura. Neste trabalho entende-se como cultura “o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo” (Moreira; Candau, 2007, p. 27). E a “cultura do *skate*” é um movimento vivo, possui linguagem própria, modo de vestir, de se expressar e de se praticar.

É justamente na qualidade de prática corporal repleta de cultura que o *skate* encaixa tão bem suas manobras na Educação Física. A prática do *skate* nas aulas desse componente curricular não é necessariamente uma novidade, todavia não pode ser definida como uma atividade rotineira do contexto escolar. Na realidade, o mais comum é a sua ausência ou abordagem insuficiente, fato esse que abrange às práticas corporais de aventura como um todo, tendo em vista que são consideradas conteúdos bastante desafiadores e de difícil implementação.

As dificuldades no momento de desenvolver experiências com as práticas de aventura emergem de múltiplas direções. Podemos facilmente citar a escassez material, os espaços inadequados ou a resistência relacionada ao risco da prática como alguns fatores limitantes.

Apesar dos desafios, Tahara e Carnicelli Filho (2013) afirmam que mesmo as práticas de aventura com maior exigência de domínio e de materiais específicos são trabalhadas na escola, contudo ressaltam que comumente quem protagoniza essas iniciativas são professoras e professores que possuem experiência prévia e os equipamentos necessários para a vivência, como no caso do rapel, escalada e *slackline*. Os autores também defendem que há práticas de aventura cujo desenvolvimento pode ser adaptado ao ambiente escolar sem a necessidade de implementos deveras específicos como *trekking*, corrida de orientação, *skate* e caminhada ecológica.

No que diz respeito especificamente ao *skate*, problemas existem, é fato, entretanto alternativas também. A seguir apresentamos alguns trabalhos que publicizam essa prática como possibilidade pedagógica real e factível na escola. Rocha (2023) expõe em sua tese de doutorado uma proposta pedagógica libertadora de ensino e aprendizagem do *skate* nas aulas de Educação Física. Já Silva e Kawashima (2023) apresentam um artigo em que relatam a elaboração e avaliação de uma proposta pedagógica voltada ao ensino de *skate* implementada no ensino médio. Enquanto Costa (2023) relata sua experiência com a elaboração, execução e avaliação de uma unidade didática sobre o *skate* no ensino fundamental nos anos finais.

Nos três trabalhos supracitados, observou-se professoras e professores comprometidos em abordar a prática corporal de aventura do *skate* no seu fazer pedagógico, trazendo aulas e ideias inovadoras, rompendo preconceitos e transformando realidades.

Sendo o *skate* uma prática corporal de aventura, compreendemos que se faz necessário somar esforços para produção de conhecimento científico sobre essa temática, uma vez que se observa um déficit de pesquisas publicadas, ainda mais no que concerne às PCA como conteúdo nas aulas de Educação Física (Tahara; Soares; Darido, 2018).

Considerando os limites e possibilidades da prática corporal do *skate* como objeto de conhecimento nas aulas de Educação Física, pretendemos responder portanto: quais os desafios encontrados para a realização do planejamento, execução e avaliação de aulas com essa temática? De que modo as/os estudantes reagiram e socializaram a proposta apresentada? Como a “cultura do *skate*” reverberou na rotina escolar durante e após a materialização da sequência didática?

Ainda que as dificuldades incidam fortemente sobre o trabalho docente, propomos apresentar nesta pesquisa um relato de experiência sobre o ensino do *skate* nas aulas de

Educação Física. Desse modo, apresentou-se o processo de planejamento, levantamento de referencial teórico, execução das aulas e os desdobramentos da vivência na rotina escolar. O estudo foi realizado com estudantes do 6º ano do ensino fundamental em uma escola de tempo integral em Fortaleza - CE, alunos e alunas tiveram a oportunidade de discutir, experimentar e conhecer a prática do *skate* ao longo da implementação da proposta pedagógica.

## **METODOLOGIA**

O estudo aqui apresentado é de natureza qualitativa e trata-se de um relato de experiência (RE). Este tipo de pesquisa “configura-se como narrativa que, simultaneamente, circunscreve experiência, lugar de fala e seu tempo histórico, tudo isso articulado a um robusto arcabouço teórico, legitimador da experiência enquanto fenômeno científico” (Daltro; Faria, 2019). À vista disso, firma-se o compromisso de não somente narrar um acontecimento e sim compartilhar um processo embasado, estruturado e planejado para que outros pesquisadores e pesquisadoras tenham acesso a variadas propostas de intervenção pedagógica de ensino sobre as PCA.

O referido RE organizou-se em quatro etapas: 1) *Skate* e Educação Física: alternativas inspiradoras; 2) Estudar, planejar e transformar; 3) Dando um “rolê” pelas aulas; 4) Limites, possibilidades e desdobramentos do “rolê”.

Na primeira etapa buscou-se aporte teórico e metodológico em produções científicas como teses, dissertações e artigos que discutem o uso didático do *skate*, seu contexto social, histórico e educativo para a elaboração, planejamento e execução das ações pedagógicas pretendidas. A segunda etapa tratou do processo de planejamento de 10 aulas sobre o *skate*, este processo ocorreu ao longo do mês de agosto e setembro de 2023 com estudantes do 6º ano em uma escola de tempo integral em Fortaleza - CE, foram contempladas 3 turmas com 39 estudantes em cada. Na terceira etapa, realizou-se a descrição das aulas vivenciadas em diálogo com os referenciais teóricos e práticos anteriormente elencados. E, por fim, na quarta etapa, discutiu-se os pontos positivos e negativos de se trabalhar o *skate* nas aulas de Educação Física e como a cultura deste reverberou na rotina escolar.

## **O SKATE E A EDUCAÇÃO FÍSICA: ALTERNATIVAS INSPIRADORAS**

O *skate* como prática corporal surgiu na década de 1960 no estado da Califórnia, de acordo com as versões mais divulgadas. Tendo bastante influência do surfe, a modalidade se



apresentou como uma alternativa de subir em uma prancha em meio ao asfalto de ruas e avenidas californianas. Inicialmente, uma tábua de madeira com rodas de patins nela parafusadas era o suficiente para simular algumas sensações do surfe.

A partir disso, a “brincadeira” das ruas então ganha sua própria cara, as tábuas dão lugar aos *shapes*, as rodas de patins são substituídas por *trucks* e rolamentos específicos e as manobras trazem um novo elemento para a “pista”. O *skate* não é mais apenas uma extensão ou alternativa para o surfe, sua cultura plural foi concebida. Pereira e Pinto (2017, p. 148) afirmam inclusive que ao longo das décadas:

a prática do *skate* passou da brincadeira a estilo de vida juvenil, contestador, artístico; reconfigurou no concreto os movimentos feitos no mar pelos surfistas, desenvolvendo outra forma de se relacionar com o ambiente urbano e com o corpo; constituiu um lugar próprio na mídia com a veiculação de notícias, propagandas de materiais, marcas e lojas especializadas; e se fortaleceu também enquanto esporte, profissionalizando skatistas, tornando-os atletas – fato que não encontra unanimidade entre os praticantes.

Neste contexto, pode-se dizer que o *skate* passou também por um processo de “olimpificação”, isto é, seguiu uma série de regras para se enquadrar a uma forma de se competir e praticar (Pereira; Pinto, 2017). Todavia, para parte dos adeptos e adeptas inseridos nessa cultura, esse modo de vivenciar o *skate* não condiz com sua essência, pois “mais que um esporte, é estilo de vida, com conexões às vezes muito mais próximas com algumas expressões artísticas do que propriamente com uma atividade esportiva tradicional” (Pereira; Pinto, 2017, p. 149).

O que não se pode negar é a visibilidade ganha pela inserção do *skate* como modalidade olímpica. O alcance midiático de megaeventos como esses é, em muitas ocasiões, a porta de entrada para a prática corporal aqui evidenciada. Jovens pelo mundo puderam assistir nos jogos de Tóquio skatistas realizando manobras difíceis, surpreendendo à arbitragem e encantando à grande mídia.

Dada a sua qualidade de prática corporal inserida na cultura – e como cultura – o *skate* torna-se, desse modo, um objeto de estudo e trabalho na Educação Física que, segundo a BNCC, “é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social” (Brasil, 2018, p. 211).

Considerando o que se apresenta à vista teórica e metodológica do documento da BNCC, é possível realizar a leitura de que o *skate* abordado nas aulas de Educação Física nos anos finais pode ser: um esporte técnico-combinatório, que leva em consideração e quantifica em nota a qualidade e a combinação de movimentos específicos (manobras); uma ginástica de

condicionamento físico, desde que conte com sessões planejadas e estruturadas, cujo objetivo seja a melhora no rendimento físico; ou uma prática corporal de aventura urbana que gera vertigem e risco controlado, provoca situações de imprevisibilidade e dispõe de um ambiente desafiador (Brasil, 2018). Em síntese, o que determinará o objeto de conhecimento pretendido pelo trabalho com o *skate* nas aulas são as habilidades a serem alcançadas.

Embora a BNCC apresente-se como o documento norteador da Educação Física no Brasil, faz-se necessário realizar críticas e reflexões sobre seu conteúdo após 5 anos desde sua implementação. A menos que haja uma apropriação e leitura profunda sobre o que nela está escrito, o planejamento de ações pedagógicas e registros burocráticos tornam-se tarefas eventualmente confusas. Sabe-se que é papel docente acompanhar as mudanças curriculares e apropriar-se delas, porém esse é somente mais um dos incontáveis desafios enfrentados por professoras e professores da educação básica brasileira.

Esta não é primeira vez que Base Nacional recebe críticas, Neira (2018), logo após a divulgação da versão final do atual currículo comum, já demonstrava algumas preocupações com relação ao engessamento da proposta, fincada em habilidades e competências e contradizendo a concepção de Educação Física por ela anunciada. É importante também destacar que o autor não defende uma Educação Física sem currículo ou que seja consentido às instituições e aos docentes o direito de se ensinar o que quiserem e como quiserem.

Ainda que haja ressalvas e uma análise crítica ao atual currículo comum balizador da Educação Básica, é preciso trabalhar com ele. Nesse contexto, o *skate* – bem como sua bagagem cultural – pode ser mais bem explorado na qualidade de prática corporal de aventura urbana prevista como direito de aprendizagem para estudantes do 6º e 7º ano do ensino fundamental.

Algumas pesquisas já têm avançado no diálogo sobre a prática do *skate* nas aulas de Educação Física, trazendo consigo inspiração e possibilidades no que concerne ao fazer pedagógico de professoras e professores da área. Rocha (2023) como um dos produtos de sua tese, divulgou uma sequência didática com 12 objetivos de aprendizagem, abordando o *skate* em temáticas como: *skate* e aspectos sociais (questões históricas, políticas e culturais, seus sentidos e significados); mulheres no *skate* (preconceitos, dificuldades e empoderamento); e, por fim, aprendendo a andar de *skate* (fundamentos básicos, estratégias de aprendizagem).

A autora contou com a colaboração de outras professoras e professores na elaboração da proposta, constantemente evidenciando que a produção não se trata de uma receita de bolo, estando, desse modo, aberta a mudanças e contribuições. A parceria fundada gerou, inclusive, uma linda pesquisa idealizada e publicada pela professora Dirlene Almeida em uma escola de ensino médio profissionalizante em Eusébio - CE, em que oficinas de *skate* foram

implementadas como incentivo à prática da modalidade e até mesmo um documento foi entregue a uma vereadora do município solicitando políticas públicas de acesso à prática do *skate* (Almeida; Silva; Castro, 2023).

Em um contexto diferente, Silva e Kawashima (2023), utilizaram em aulas de Educação Física no ensino médio uma sequência didática elaborada pelo autor e autora e avaliaram a experiência vivida pelos estudantes por meio de encontros em formato de grupos focais a fim de assimilar e discutir a compreensão de alunas e alunos sobre a prática de aventura do *skate*.

Já Costa (2023), desenvolveu em seu trabalho de dissertação uma unidade didática explorando o *skate* como prática corporal de aventura urbana em uma turma de 8º ano nas aulas de Educação Física. Em suas aulas, o professor apresentou a modalidade para as/os estudantes por meio de vídeos, filmes e revistas em quadrinhos, promoveu também a produção de pesquisa e seminários, confecção de “*skates* de dedo” e a experimentação da prática corporal propriamente dita com as/os estudantes.

É importante ressaltar que, embora os trabalhos supracitados anunciem relatos repletos de possibilidades sobre o ensino do *skate*, também nos atentam para algumas dificuldades encontradas ao longo dos seus percursos de pesquisa. A inexperiência de professores e professoras, bem como a carência de formação referente ao universo prático do *skate* foram citadas como um fator limitante no momento de planejar e executar suas ações pedagógicas (Rocha, 2023; Silva; Kawashima, 2023). Um outro aspecto discutido e apontado como limitador nos trabalhos foi o desinvestimento em recursos materiais e disponibilidade de espaços viáveis e seguros na escola para prática do *skate* (Costa, 2023; Rocha, 2023; Silva; Kawashima, 2023). Ao tratarmos de recursos materiais e formação – inicial ou continuada, faz-se necessário incidir sobre outras camadas de discussão, como a das políticas públicas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), traz em seu texto as práticas corporais de aventura como um direito de aprendizagem a ser garantido para estudantes de todo país no componente da Educação Física (BRASIL, 2018), portanto políticas públicas de formação deveriam dar o aporte pedagógico para que as/os docentes assegurem de forma responsável o direito de aprendizagem discente.

Porém Soares e Ferreira (2023) apontam a falta de investimento institucional como uma das fragilidades nas quais nos deparamos quando o assunto é formação continuada para Educação Física. É conferido então, em algumas oportunidades, à própria docência o papel de buscar cursos, congressos ou outros meios de formação, para seguir investindo em suas carreiras.

No tocante a recursos materiais e de espaço, as escolas são distintas, umas são de ensino público, outras particulares, umas dispõem de quadra coberta, pátio e equipamentos pedagógicos, outras eram um espaço com uma finalidade diferente que se tornou um espaço educativo. Portanto, as escolas com espaços e materiais adequados vão existir, bem como professoras e professores capacitados para a implementação de práticas de aventura como o *skate* (Tahara; Darido, 2016).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Estudar, planejar e transformar

Após a leitura e apropriação sobre a prática do *skate* como conteúdo nas aulas de Educação Física, é chegado o momento de descrever as etapas que antecedem às aulas, mas, ainda assim, fundamentais para sua materialização. As aulas foram idealizadas para 3 turmas de 6º ano na EMTI Leonel de Moura Brizola. Cada turma possuía 39 estudantes entre 11 e 13 anos com matrícula vigente. A referida escola pública está situada no Planalto Ayrton Senna, bairro periférico da cidade de Fortaleza.

Nas escolas de tempo integral em Fortaleza para os anos finais do ensino fundamental, há uma jornada semanal de 37 horas prevista. Os componentes curriculares se distribuem em parte comum (Língua Portuguesa, Artes, Educação Física, Língua Estrangeira, História, Geografia, Ciências Naturais e Matemática) e outra parte diversificada e de atividades complementares (Projeto de Vida, Protagonismo, Disciplinas Eletivas, Aprendizagem Orientada, Pensamento Científico, Formação Cidadã, Estudo Orientado, Práticas Experimentais) (Fortaleza, 2020).

Com relação à infraestrutura da escola, esta possui um ginásio poliesportivo coberto, refeitório, pátio amplo e arejado, uma biblioteca, um auditório, uma sala de inovação equipada com *chromebooks*, um laboratório de informática e dois laboratórios de ciências, um voltado para matemática e física, outro para química e biologia, ambos pouquíssimo equipados. Todos os ambientes internos são climatizados.

Sabe-se que a realidade encontrada é considerada atípica para o cenário nacional quando se fala de infraestrutura escolar. Utilizando o estudo da Unesco (2019) sobre a qualidade da infraestrutura das escolas públicas do ensino fundamental no Brasil, a escola aqui referida, está no nível VI de estrutura em uma escala crescente que vai de I a VIII, ou seja, possui uma série de recursos fundamentais que facilitam o processo de ensino e aprendizagem de alunas e alunos.

O estudo também aponta que instituições nesse nível são encontradas em sua maioria nos ambientes urbanos das regiões sul e sudeste do Brasil.

Nesse contexto, compreendemos o privilégio de trabalhar em uma escola com a estrutura como da EMTI Leonel de Moura Brizola, em uma capital nordestina, contrariando as estatísticas nacionais. Esta instituição, dada ao seu comprometimento com a educação em tempo integral, também possibilita uma potente relação entre estudantes e escola. O protagonismo juvenil é constantemente fomentado por meio de projetos e outras intervenções.

No que concerne às competências docentes, professoras e professores lecionam tanto em sua área de formação na parte comum do currículo como na sua parte diversificada. Há também o esforço da secretaria municipal de educação (SME) para que os/as docentes concentrem suas cargas horárias de trabalho na mesma escola, facilitando o planejamento e execução de ações didáticas e projetos pedagógicos.

Contando com as condições supracitadas, a elaboração das aulas de *skate* foi ponderada de acordo com o documento de registro disponibilizado para professoras e professores de escolas de tempo integral da rede municipal de Fortaleza - CE que coaduna com os princípios pedagógicos e curriculares da BNCC.

Foi planejada uma sequência didática com 10 aulas distribuídas em 5 semanas para cada turma, as aulas de Educação Física, na oportunidade, eram geminadas, ou seja, semanalmente havia 2 aulas seguidas de 55 minutos. A cada semana as ações didáticas eram reavaliadas e reajustadas, de acordo com a necessidade de cada turma e das discussões geradas.

As duas primeiras aulas trataram de apresentar as PCA como conteúdo da Educação Física, tendo em vista que este foi o primeiro contato estudantil com essa unidade temática. Neste momento, o *skate* também foi sugerido como uma ideia de aula e a maioria discente empolgou-se com a possibilidade. Nas turmas havia pelo menos uma criança que possuía um *skate*, foi solicitado a permissão dos responsáveis e da escola para que pudessem trazer o equipamento para as aulas.

Na terceira e quarta aula, foi apresentado em *slides* aspectos históricos, sociais e diferentes formas de se praticar o *skate*. Em seguida, com um equipamento da professora e mais três disponibilizados pelos estudantes, fomos para a primeira experiência. Cada turma deu o seu primeiro “rolê”. A princípio, alguns estudantes, principalmente meninas, apresentaram insegurança em subir de pé no *skate*, porém foi sugerido que todos e todas tentassem experimentar o *skate* de diversas formas, sentados, deitados, agachados. Muitas crianças sentiram-se mais seguras dessa forma e pudemos avançar para o descobrimento das suas bases no *skate*.



Na quinta e sexta aula, ainda na intenção de explorar diferentes formas de experimentar o *skate*, foi passado para as turmas um vídeo sobre o “*skate* de dedo”, uma modalidade que utiliza mini *skates* para simular manobras reais. Tomando como inspiração a pesquisa de Costa (2023), que promoveu um trabalho de confecção desses implementos com materiais recicláveis, lançou-se então a proposta aos estudantes de confeccionarmos nossos próprios mini *skates*. Um estudante de uma das turmas sugeriu então que fizéssemos uma competição para elencar o “melhor *skate*”. As demais turmas gostaram da ideia de transformar o trabalho em competição.

Na sétima e oitava aula, foram apresentados os critérios de avaliação do festival de mini *skates*, que eram: 1) Criatividade, 2) Funcionalidade e 3) Beleza. Combinou-se com alunas e alunos realizariam a atividade em trios e que apenas materiais reutilizados poderiam fazer parte da estrutura do equipamento confeccionado. Dois professores e uma professora de outros componentes curriculares foram escolhidos para fazer parte da comissão avaliadora. Nesse mesmo encontro, alunas e alunos foram incentivados a dar um “rolê” de *skate* pelas dependências da escola, verificando espaços possíveis para a sua prática. Também foi levantada a discussão sobre medidas e equipamentos de segurança para essa prática.

As duas últimas aulas culminaram no encerramento da sequência didática e, portanto, do festival de mini *skate*. Alunos e alunas apresentaram seus equipamentos e diversas ideias surgiram. Um dos trios construiu, junto com o “*skate* de dedo”, uma rampa de papelão para realizar descidas e manobras. A criatividade das crianças alcançou diversos patamares, pudemos ver de tampas de caneta e até pedaços de lápis de cor como rodas para os *skates*. Os professores e a professora convidados para avaliação apreciaram o festival e impressionaram-se com o empenho estudantil na atividade.

Após o encerramento das aulas, a professora idealizadora do festival deu como premiação para os trios vencedores do festival um kit de montagem de mini *skates*. Faz-se necessário ressaltar que ela própria adquiriu o equipamento e não o fez como obrigação ou fator condicionante para que os alunos e alunas participassem do evento. A atitude é apenas resultado do sentimento de alegria ao ver os/as estudantes participando das atividades com tanta empolgação. E é bom estar alegre na prática docente, e ver alegre também alunas e alunos é gratificante. O prêmio entregue foi um detalhe, a alegria com processo valeu à pena. E como explica Paulo Freire (2021, p. 137) “A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Não há neste relato, o interesse em defender o desinvestimento da educação pública ao utilizar materiais próprios ou adaptações dos mesmos para planejar e executar ações

pedagógicas. Nem tampouco legitimar uma educação condicionante a prêmios, competições e notas. Cada aula, cada escola e cada docente tem uma história e um processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Limites, possibilidades e desdobramentos do “rolê”

O trabalho com as PCA nas aulas de Educação Física segue sendo desafiador. Não foi simples desenvolver as práticas do *skate* no contexto escolar aqui referido. A gestão escolar mostrou-se receosa com a segurança dos/das estudantes no momento das atividades, entretanto, em momento nenhum questionou o planejamento das ações pedagógicas. Ao longo das aulas, até mesmo o coordenador da escola resolveu experimentar o “rolê” no pátio da escola.

Meninos e meninas puderam vivenciar o *skate*, fosse o rolê sentado ou deitado no equipamento. Felizmente não foi observado nenhum tipo de discriminação relacionada a gênero durante as aulas, esse era um receio que pairava sobre os momentos dos estudos e planejamento das ações pedagógicas, tendo em vista que Rocha (2023) e Almeida, Silva e Castro (2023) anunciaram ser esse um acontecimento recorrente no que diz respeito a prática e universo do *skate*.

Um ponto que merece atenção é a escassez de equipamentos para o desenvolvimento das aulas. Na maior parte do tempo a turma permanecia sentada, assistindo aos colegas e esperando sua vez de dar o “rolê”. Esse momento gerava em algumas crianças impaciência e tédio, mas em nenhuma ocasião comprometeu a aula.

Com relação aos riscos envolvidos na prática do *skate*, ninguém saiu machucado, todavia houve muita queda, desequilíbrio, medo e também coragem. Essa não foi a primeira vez que trabalhamos com o *skate* nas aulas de Educação Física, mas talvez tenha sido a que mais houve dedicação a pesquisar, estudar e planejar essa prática de aventura urbana e, portanto, também foi a mais exitosa.

Para finalizar, um dos desdobramentos das execução da sequência pedagógica foi a criação de um clube de protagonismo criado por 5 alunas de uma das turmas acompanhadas que tinha como intuito ensinar outras meninas a andar de *skate*.

## REFERÊNCIAS

ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. A. O skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 16, p. 799-807, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

COSTA, J. W. da S. **Práticas corporais de aventura: implementação de uma unidade temática sobre o uso do skate em uma escola de ensino fundamental**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DA SILVA, C. E. F.; KAWASHIMA, L. B. O Ensino do Skate nas Aulas de Educação Física do Ensino Médio. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 4, p. e19812441216-e19812441216, 2023.

DALTRO, M. R.; DE FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

FERREIRA, D. A.; DA SILVA, M. E. H.; CASTRO, E. S. Vamos dar um rolê: skate como prática libertadora. **Revista Ponto de Vista**, v. 12, n. 3, p. 01-17, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. - 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 144 p.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Currículo, conhecimento e cultura. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p. 17-44, 2007.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, p. 215-223, 2018.

PINTO, F. M.; DE SÁ PEREIRA, J. G. A relação com skatismo e seus saberes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 11, 2017.

ROCHA, L. L. **“Respeita as minas” o ensino do skate na educação física escolar**. Orientadora: Maria Eleni Henrique da Silva. 2023. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SOARES, S. L.; FERREIRA, H. S. A formação continuada em Educação Física no interior do Ceará. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 16, n. 47, p. 549-566, 2023.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de ciências do esporte**, v. 1, n. 1, 2013.

UNESCO. **Qualidade da infraestrutura das escolas públicas do ensino fundamental no Brasil**. - Brasília: UNESCO, 2019.